

# LUCIEN GOLDMANN E A SOCIOLOGIA DA CULTURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO GOLDMANNIANO

ARANHA, Francisco Arantes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta algumas considerações teóricas sobre a metodologia geral elaborada pelo filósofo e sociólogo marxista Lucien Goldmann (1913-1970) a partir de suas diversas aplicações nos mais variados temas de estudos da Sociologia da Cultura. Entre suas incursões pelos campos da filosofia, literatura, sociologia, comunicação e outras áreas do saber, destacam-se, sem dúvida, suas reflexões sobre o sujeito da criação cultural como transindividual e as implicações de tal noção para a análise da atuação social dos intelectuais; além de, em todo o corpo de seu conjunto de obra, Goldmann nos capacitar a ter um olhar mais sensível à relação sujeito, objeto e realidade histórica. Tendo isso em vista, o artigo desenvolve uma proposta didática de análise que percorre e mobiliza os principais conceitos e instrumentos fornecidos pelo método goldmanniano, tais como: a categoria da “Totalidade”; a discussão referente ao jogo dialético entre “Compreensão/Explicação”; as noções de “Crítica imanente”, de “Coerência interna”, e de “Estrutura significativa”; e, por fim, os conceitos fundamentais de “Classe social”, “Sujeito transindividual” e “Visão de Mundo”.

**Palavras-chave:** Lucien Goldmann; sociologia da cultura; método.

## 1. Introdução

Retomo aqui algumas considerações expostas na minha pesquisa de mestrado *Tecnocracia e capitalismo no Brasil num estudo de caso: a Associação Nacional de Programação Econômica e Social (ANPES) (1964-1967)*, pela Universidade Federal de Goiás (Goiânia, 2016), sobre a metodologia geral elaborada pelo pensador romeno-francês Lucien Goldmann (1913-1970), tentando, a partir delas, dar alguns passos à frente no sentido de qualificar o meu trabalho de historiador da cultura, da história das ideias e da história dos intelectuais e das suas ideologias. Assim, o que se lerá a seguir são observações sobre o método goldmanniano e suas diversas aplicações nos estudos da Sociologia da Cultura em busca de expor um quadro geral e coerente sobre as ferramentas conceituais formuladas por esse filósofo e sociólogo marxista.

## 2. Algumas considerações sobre o método goldmanniano

A categoria da “totalidade” é uma das premissas filosóficas e políticas mais importantes e indispensáveis no pensamento teórico de Goldmann. Inclusive, acredito

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: franciscoarantesaranha@gmail.com.

que sem entender essa questão, é impossível ajustar todo o entendimento teórico das partes conceituais que compõem o método goldmanniano. Feita essa colocação, o fato é que, ao retomar a tese clássica de Lukács em *História e consciência de classe* (1923) segundo a qual a totalidade é, enquanto categoria metodológica, o principal critério de diferenciação entre a filosofia tradicional capitalista e o marxismo,<sup>2</sup> Goldmann alcançou o entendimento sociológico de que “a totalidade não poderia ser objetivamente dada, mas que em sua essência, é produto da atividade humana” (NAÏR; LÖWY, 2008, p. 25). E esse é um ponto central na compreensão das elaborações desse autor. Pois, tendo isso em vista, os pensadores Sami Naïr e Michael Löwy vão colocar a questão da seguinte maneira:

A totalidade [no entendimento goldmanniano] remete não a um modelo teórico, abstrato e formal, mas a uma realidade histórica em construção. Ela é um *processo* contínuo. O sujeito que faz questão de “construir” teoricamente essa totalidade é, ele próprio, um *momento* desse processo: dele participa plenamente. Daí um princípio fundamental que separa radicalmente o procedimento dialético de qualquer outra forma de pensamento, a saber, a impossibilidade de ter um *olhar externo* em relação à totalidade (NAÏR; LÖWY, 2008, p. 23. Grifos no original).

Mas isso não explica tudo: é preciso também levar em conta que a categoria da totalidade para Goldmann, em suas duas formas principais: o universo e a comunidade humana, não pode ser reduzida tão somente ao caráter metodológico; uma vez que, para o autor, se trata da mais essencial qualidade filosófica, tanto no campo epistemológico, como no campo ético e estético (GOLDMANN, 1967a, p. 41-42). Isto posto, o que deve ser sublinhado, sob o ponto de vista da perspectiva goldmanniana, é a afirmação “do caráter total da atividade humana e da ligação indissolúvel entre a história dos fatos econômicos e sociais e a história das ideias” (GOLDMANN, 1979, p. 50). Em síntese, para compreender a complexidade das questões relacionadas à discussão sobre a categoria da totalidade, é importante considerar o seguinte quadro:

---

<sup>2</sup> A esse respeito, é pertinente a reprodução da seguinte colocação feita por Goldmann: “Em 1923, o mais importante filósofo marxista contemporâneo, Georg Lukács, escrevia num ensaio: ‘Não é a predominância dos motivos econômicos na explicação da história que distingue de modo terminante o marxismo da ciência burguesa; é o ponto de vista da totalidade. A categoria da totalidade, a predominância universal e determinante do todo sobre as partes constitui a própria essência do método que Marx emprestou de Hegel e transformou de maneira a fazê-lo a fundamentação original de uma ciência inteiramente nova... *A predominância da categoria da totalidade é o suporte do princípio revolucionário na ciência*’” (GOLDMANN, 1967b, p. 49. Grifos no original).

Nos trabalhos não dialéticos, os capítulos consagrados às teorias, nas obras de sociologia ou de história e, inversamente, os capítulos consagrados ao estado social, à época histórica, quando se trata de história das ideias ou de literatura ou arte, apresentam-se como corpos estrangeiros, sobrepostos, inspirados frequentemente pela preocupação de erudição ou de informação geral. Para o pensador dialético, no entanto, as doutrinas fazem parte integrante do fato social estudado e não podem ser separadas senão por uma abstração provisória; seu estudo é elemento *indispensável* para a análise *atual* do problema, do mesmo modo que a realidade social e histórica constitui um dos elementos mais importantes, quando se visa compreender a vida espiritual duma época. A história da filosofia é, para o pensador dialético, um elemento e um aspecto da filosofia da história; a história dum problema, um dos aspectos tanto do próprio problema como da história no seu conjunto e a arma da crítica, como disse Marx, um passo para a crítica das armas (GOLDMANN, 1979, p. 51-52. Grifos no original).<sup>3</sup>

Não é preciso ressaltar o quanto Goldmann era um pensador dialético. Dito isto: está aí exposta, em seus detalhes, os termos referentes à categoria da totalidade. Passo agora a tratar do que denomino de “jogo dialético entre a compreensão e a explicação” do caráter histórico de toda realidade social. Quanto a esse ponto, recorro ao entendimento de dois pensadores do método goldmanniano:

A compreensão de um fato humano (para Goldmann, tudo que é “executado” pelos homens é um fato humano) somente é possível nessa problemática mediante sua inserção em estruturas mais gerais, espaciotemporais, das quais ele faz parte, do mesmo modo que a compreensão dessas próprias estruturas remete ao estudo de seus componentes, ou seja, do que Goldmann denomina “totalidades parciais e relativas” (NAÏR; LÖWY, 2008, p. 26-27. Grifos no original).

Em resumo, como bem esclarece Naïr e Löwy (2008, p. 26), “o conhecimento das partes é determinado assim pelo Todo, da mesma maneira que a compreensão do Todo remete ao conhecimento das partes e de sua combinação, de seu sistema de relações.” Mas para que essa parte da teoria referente ao jogo dialético entre compreender/explicar fique mais clara, cabe aqui colocar os termos mobilizados no contexto do próprio método goldmanniano.

Partindo do princípio fundamental do pensamento dialético – isto é, do princípio de que o conhecimento dos fatos empíricos permanece

---

<sup>3</sup> À título de registro, Goldmann tinha (em alta consideração, por sinal) enquanto referência de obras que analisam dialeticamente fatos e a história das doutrinas econômicas, sociais e filosóficas os seguintes livros: *Acumulação do capital*, de Rosa Luxemburgo; *Estado e a revolução*, de Lênin; e *História e consciência de classe*, do Georg Lukács (GOLDMANN, 1979). Além é claro das obras de Marx.

abstrato e superficial enquanto ele não foi concretizado por sua integração ao único conjunto que permite ultrapassar o fenômeno parcial e abstrato para chegar à sua *essência concreta*, e implicitamente, para chegar à sua significação – não cremos que o pensamento e a obra de um autor possam ser compreendidos por si mesmos se permanecermos no plano dos escritos e mesmo no plano das leituras e das influências. O pensamento é apenas um aspecto parcial de uma realidade menos abstrata: o homem vivo e inteiro. E este, por sua vez, é apenas um elemento do conjunto que é o grupo social. Uma ideia, uma obra só recebe sua verdadeira significação quando é integrada ao conjunto de uma vida e de um comportamento. Além disso, acontece frequentemente que o comportamento que permite compreender a obra não é o do autor, mas o de um grupo social (ao qual o autor pode não pertencer) e sobretudo, quando se trata de obras importantes, o comportamento de uma classe social. Pois o conjunto múltiplo e complexo de relações humanas que envolve todo indivíduo cria muito frequentemente rupturas entre sua vida cotidiana, de um lado, seus pensamento conceitual e sua imaginação criadora, de outro, ou então só deixa subsistir entre elas uma relação demasiado mediatizada para ser *praticamente* acessível a qualquer análise pouco precisa. Em casos semelhantes (e são numerosos), a obra é dificilmente inteligível se quisermos compreendê-la unicamente ou em primeiro lugar através da personalidade de seu autor. Mais ainda, a intenção de um escritor e a significação *subjetiva* que para ele tenha sua obra nem sempre coincidem com a significação *objetiva*, frequentemente pouco consciente para seu próprio criador (GOLDMANN, 1967b, p. 07-08. Grifos no original).

Para os fins deste artigo, ainda que o fragmento acima seja extenso ele estabelece pontos centrais. De onde se extrai a ação metodológica do que se poderia ver enquanto um jogo que envolve o ato de compreender e o ato de explicar, sempre com bases ampliadas numa imagem que se assemelha a uma espiral. Ou seja: para se entender a operacionalização da categoria da totalidade dentro do método goldmanniano, há que se considerar que este autor fundamenta a compreensão deste conceito à necessidade de se perceber factualmente a *coerência interna* das *estruturas significativas* dos próprios objetos empíricos adotados para análise (ou, se se preferir, para uma *crítica imanente*). O que significa dizer que, em termos processuais, Goldmann, que raciocinava os termos referentes ao seu método de investigação (ou, se se preferir, “estruturalismo genético”),<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> A descrição mais esclarecedora do que venha a significar o termo “estruturalismo genético” consta na seguinte citação: “O que é, então, o estruturalismo genético? O estruturalismo genético é a maneira pela qual Goldmann define o método dialético, o método marxista. Seu ponto de partida é (como em Lukàcs, em *História e consciência de classe*) a categoria da totalidade que segundo Lukàcs, introduz o princípio revolucionário no campo da ciência. A categoria da totalidade significa que qualquer fenômeno social, ou cultural, tem que ser visto como parte de uma totalidade mais ampla, e que essa totalidade tem de ser vista como uma estrutura. Isto é, essa totalidade não é um conjunto homogêneo, é algo que é estruturado e sua estrutura é o tipo de relação que se estabelece entre as partes e o todo: existe um tipo de articulação entre as várias partes dessa totalidade e esse conjunto, que constitui a estrutura total. O estruturalismo genético é, portanto, um método que procura analisar totalidades estruturadas, e que procura observar qual é a

em função da já discutida categoria da totalidade, defende a historicidade das próprias estruturas (como de todos os aspectos envolvidos no trabalho de investigação histórica, aliás), isto é, da forma assumida pela relação de relações sociais. O que implica, uma vez levado o problema mais adiante, perceber que as estruturas são feitas pela *prática social* dos homens. Decorrendo daí, então, que elas são prenes de significados humanos, de cargas valorativas compartilhadas e que, por isso, são *significativas*. Decerto, como assinala o cientista social Celso Frederico (2012, p. 183), “respostas mais ou menos coerentes que os homens dão às situações por eles vividas”.<sup>5</sup>

Mas, o fato é que isso tudo, por sua vez, tem contrapartida no direcionamento metodológico proposto por este autor; pois, tal como assinala o próprio Goldmann:

Uma das teses fundamentais tanto da psicanálise no plano individual como do pensamento dialético no plano social e histórico reside precisamente em admitir que *todos os fatos humanos possuem, enquanto tais, um caráter de estruturas funcionais, quer dizer, de estruturas significativas*. O seu estudo pressupõe, pois, por um lado, uma análise interna, compreensiva, cuja função consiste em pôr em evidência a estruturação imanente e, a partir daí, o significado eventual dos diversos elementos envolvidos em tal ou tal relação, e, por outro lado, uma análise externa, explicativa, incidindo sobre a inserção da estrutura enquanto elemento funcional numa estrutura englobante (apud PINTO, 2006, p. 355. Grifos nossos).

Por aí se nota que, da conjugação dessas relações, esquematicamente, impõem-se, enquanto opção metodológica disponível, uma lógica operatória que se configura sobre um duplo movimento dialético de “compreensão e explicação”, onde é a compreensão do elemento parcial (leia-se “parte”) que nos dá a oportunidade de explicar o todo, em sua momentânea totalidade, num “movimento espiralado”, normalmente, sempre ampliado. Retenhamos aqui que, porém, é “a compreensão é que deve procurar entender a estrutura significativa imanente de um objeto de estudo” (LÖWY, 1986, p. 68).

Por este modo de apreensão, obstinado em captar (leia-se compreender) as estruturas significativas imanentes do conjunto da obra de um determinado autor e determinar (leia-se explicar) o sentido desse mesmo conjunto em sua relação com a

---

dialética entre o todo e as partes, entendendo que é impossível compreender a totalidade sem a articulação das suas partes, sem perceber o lugar que elas ocupam nas relações que constituem a estrutura total” (LÖWY, 1986, p. 67).

<sup>5</sup> Nos dizeres de Frederico, “Goldmann considera uma característica universal do comportamento humano a tendência à coerência. Os homens, perante os desafios colocados pela realidade exterior, procuram agir no sentido de interferir nos acontecimentos através de respostas às questões com que deparam. Esse empenho para adaptar-se à realidade segundo as conveniências humanas faz com que os indivíduos tendam a fazer de seu comportamento uma ‘estrutura significativa e coerente’” (FREDERICO, 2006, p. 70).

totalidade parcial que a engloba, referir-nos tanto ao “nível interno da obra” – do ângulo goldmanniano, “percebido como uma interpretação objetiva de conteúdos que expressam a realidade possível do texto” (apud PINTO, 2006, p. 355) – quanto ao “nível externo da obra” – sob a perspectiva goldmanniana, “obtido pela compreensão das circunstâncias sociais que envolvem o autor e o seu ‘respectivo’ grupo social” (apud PINTO, 2006, p. 355). Mas uma questão tem que ficar bem clara: não se pode tratar simplesmente de justapor estes níveis de análise, mas sim, de realizar um movimento dialético de ida e volta: compreendendo e explicando. Cumpre chamar a atenção para um aspecto importante da escrita do artigo: vejam que a própria compreensão e explicação do método nos fez retomar questões já esclarecidas, mas que agora se encontram em outra qualidade de entendimento.

Em termos práticos, é importante insistir num outro elemento da definição que está sendo aqui discutida, qual seja: o do nível de influência e circulação de ideias como mais uma nuance analítica a ser considerada. Goldmann, aliás, estava consciente disso, quando apontou que, em lugar de “explicar” o pensamento de determinado autor pela influência de certos autores, na verdade, trata-se de explicar *por que* em tal ou qual época do desenvolvimento deste mesmo autor analisado ele foi influenciado por este ou aquele autor; afinal, como assinala Goldmann, “a ‘recepção’ (leia-se circulação) de uma doutrina é, ela mesma, um fato social que deve ser compreendido em sua relação com a realidade histórica concreta” (GOLDMANN, 1973, p. 47-48). Dito de maneira direta, o que importa em relação à questão da ação e influxo das “influências” nos autores estudados é saber o porquê dessa influência e a razão disto numa época específica da história e vida do autor.<sup>6</sup> Colocada todas essas questões nestes termos, passamos neste ponto a discutir o conceito de classe social dentro do método goldmanniano.

Antes de qualquer coisa, não me parece exagero sublinhar o caráter essencial desse termo para Goldmann. Neste quadro, o entendimento por trás do conceito de Classe social a partir das formulações deste autor segue alguns princípios principais. Em primeiro lugar, a perspectiva de que a definição de classe social deve ter fundamento na própria estrutura da vida social. Em segundo lugar, a premissa de que para definir este termo deve-se levar em conto no mínimo dois de três fatores: a função na produção, as relações

---

<sup>6</sup> Veja-se, sob esse aspecto, o que disse Goldmann: “É pois na estrutura econômica, social e psíquica do grupo que sofreu a influência que é preciso encontrar suas principais causas, de sorte que ainda cabe às análises materialistas explicar as influências e não a estar substituir, na explicação, a ação dos fatores econômicos e sociais” (GOLDMANN, 1979, p. 78).

sociais com as outras classes, e o estudo das visões de mundo. Voltaremos mais à frente a tratar dessas questões. E, por fim, em terceiro lugar, a noção teórica de que “as classes sociais constituem as infraestruturas das visões de mundo” (GOLDMANN, 1979, p. 86). Claro, olhando de perto, porém, as coisas não são de modo algum assim tão simples e mecânico. Com efeito, a esse respeito, Löwy assinala:

É a partir da classe social, da consciência possível de classe, que vai se desenvolver a visão de mundo de uma classe, e essa *visão de mundo vai se manifestar em seu comportamento social*. Isto é importante porque a *visão de mundo não é só um fenômeno espiritual, é algo que se manifesta tanto na prática, no comportamento econômico, social, político, real da classe, quanto ao nível conceitual, através de doutrinas, teorias filosóficas, ou no terreno da imaginação através de obras culturais, literárias, artísticas e outras* (LÖWY, 1986, p. 75. Grifos nossos).

Antes de prosseguir e para melhor compreender o significado desta assertiva, é necessário esclarecer que o entendimento de Goldmann era o de que assim como não há indivíduos estranhos a toda vida social, também não haveria sociedade fora dos indivíduos que a constituem. Decorrendo daí considerar que “os sujeitos da história” (...) “não seriam os indivíduos simplesmente, pois o sujeito essencial seria o sujeito coletivo, isto é, o sujeito transindividual” (LÖWY, 1986, p. 72). E este, o sujeito transindividual decisivo, portanto, para a compreensão do processo histórico, seriam as classes sociais (LÖWY, 1986, p. 73).

Sobre a estrutura socioeconômica com a qual o método goldmanniano vai operar, Goldmann propõe que as classes sociais são: 1) “o fator essencial do conjunto de relações entre os homens”, sendo elas, por fim, “que produzem a totalidade social” (LÖWY, 1986, p. 73); e, dada a pressuposição da existência de níveis estruturais a que se inseririam tais classes sociais, 2) definidas, por sua vez, a partir da: i) *função que as classes exercem no processo de produção*, ii) sua relação e seus conflitos com outras classes, e, por fim, iii) visão de mundo que corresponde à sua posição social (LÖWY, 1986, p. 73. Grifos nossos).

De importância capital, o conceito de “visão de mundo” mobilizado por Goldmann é empregado como um recurso que capta e caracteriza “um ponto de vista coerente e unitário sobre o conjunto da realidade”; se bem que, seja necessário ter em conta que, conforme ressalva este autor, “o pensamento dos indivíduos – com pequenas exceções – é raramente coerente e unitário” (GOLDMANN, 1967, p. 73). Numa linguagem mais

precisa, pode-se dizer que “visão de mundo” é um “sistema de pensamento que, em certas condições, se impõe a um grupo de homens que se encontram em situações econômicas e sociais análogas” (GOLDMANN, 1967, p. 73).

Automaticamente atribuiríamos a este conjunto de relações – principalmente, a que se refere à “visão de mundo corresponder a uma posição social” –, uma rudimentar noção de homologia, entre as partes e o todo. Para contornar esse suposto esquematismo, referente a certo condicionamento, Goldmann introduz outro procedimento operatório à sua metodologia, qual seja, o recurso conceitual de “autonomia relativa” da esfera das ideias. E do que se trata? Conforme esclarece Löwy,

A esfera ideológica desfruta de uma *autonomia relativa* que deve ser levada em consideração em toda a análise concreta: é bem evidente que o desenvolvimento do pensamento obedece a um conjunto de exigências internas de sistematização, de coerência, de racionalidade etc. Nada seria mais estéril do que procurar as ‘bases econômicas’ de todo o conteúdo de uma obra literária, filosófica ou política, ignorando as regras específicas de continuidade da história das ideologias, as particularidades de uma esfera ideológica determinada (arte, moral etc.), ou as exigências de lógica interna da obra (ou mesmo os traços pessoais de um autor como individualidade psicológica determinada).” Sendo assim, “esse conceito de autonomia relativa (no sentido etimológico grego, *auto-nomos*: ‘regras próprias’) nos permite superar a eterna polêmica entre a história idealista do pensamento, na qual os sistemas ideológicos estão completamente separados das ‘contingências’ histórico-sociais e flutuam livremente no céu puro do absoluto, e o economicismo vulgar, pseudomarxista, que reduz todo o universo do pensamento a um reflexo imediato da ‘infraestrutura’” (LÖWY, 1979, p. XIII. Grifos no original).

Podemos agora notar que, uma vez inserido o conjunto global do pensamento *de determinado autor* nos quadros da visão de mundo que lhe confere sua estrutura significativa – e tal como indica Löwy, esta mesma “visão de mundo deve ser tomada enquanto aspecto de uma totalidade concreta –, nas suas ligações dialéticas com as relações de produção, o processo de lutas de classes, os conflitos políticos e as outras correntes ideológicas”, que a englobem (LÖWY, 1979, p. XI). E, é nesse âmbito analítico, ao se relacionar a visão de mundo à totalidade concreta que a encerra – que se “*ilumina interiormente*, a estrutura significativa da obra (...), e permite compreender sua gênese” (LÖWY, 1979, p. XI. Grifos no original) –, que se deve remeter a um modo de produção, ou presumi-lo.

Em suma, *compreender dialeticamente o fenômeno do pensamento de determinado autor*, “implica a apreensão de seu papel (leia-se função) no interior do todo social, no

interior da *unidade* do processo histórico”; onde suas obras, “devem ser dissolvidas e concebidas como *momentos* deste processo unitário” (LÖWY, 1979, p. XI. Grifos no original). Após todas essas colocações e explicações, a seguir, apresenta-se as considerações finais deste artigo.

### 3. Considerações finais

Está longe de ser um clichê afirmar que o conjunto de obra e questões levantadas pelo marxismo de Lucien Goldman são ainda os nossos problemas. Uma discussão exemplar em suas formulações é a que diz respeito a necessidade da emancipação humana. Por sinal, os pensadores Sami Naïr e Michael Löwy levaram essa reflexão ainda mais longe e vou aqui retomar o que eles escreveram com bem mais conhecimento de causa.

De fato, mais do que nunca a necessidade da emancipação humana exige a retomada do legado marxiano depurado dos dogmatismos que o marcaram durante o século passado. Crítico implacável do determinismo positivista, Goldmann clamava pelos direitos da consciência e do sujeito no processo histórico. No agitado contexto dos anos 1960, a referência à dimensão subjetiva tinha como alvo de combate, além do positivismo clássico, a maré estruturalista então dominante em todas as áreas das ciências humanas, cujo resultado final foi a consagração de um determinismo que se impunha à revelia de qualquer iniciativa dos homens. Nas décadas seguintes, os herdeiros do positivismo e do estruturalismo reencontraram-se no movimento de ideias conhecido como pós-modernismo, que arquivou as referências à estrutura e ao sentido da ação humana. A obra de Goldmann ganha, assim, uma inesperada atualidade ao exigir do pensamento a união indissolúvel entre a análise da estrutura, dos processos genéticos que a engendram, dos limites e alcances das formas possíveis de consciência e do campo aberto às possibilidades da práxis social (NAÏR; LÖWY, 2008).

Concordo com os autores acima em gênero, número e grau. Desde que entrei em contato a obra de Goldmann, em específico o livro *Ciências humanas e filosofia. O que é a sociologia?* (Rio de Janeiro: DIFEL Editorial, 1979), minha maneira de avaliar a realidade histórica mudou. E mudou substancialmente de qualidade: se tornou mais rigorosa e sensível. E mais sensível para o Todo e não só para as Partes. Mas também para as Partes como forma de compreender o Todo.

## Referências

- FREDERICO, Celso. *Sociologia da cultura: Lucien Goldmann e os debates do século XX*. São Paulo: Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_. Celso. Quem fala na criação cultural? Notas sobre Lucien Goldmann. *Matrizes*, vol. 5, nº 02, jan./jun., 2012, p. 181-194. Universidade de São Paulo: São Paulo, Brasil.
- GOLDMANN, Lucien. *Origem da dialética. A comunidade humana e o universo em Kant*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967a.
- \_\_\_\_\_. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967b.
- \_\_\_\_\_. *A criação cultural na sociedade moderna*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e dogmatismo na cultura moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Ciências humanas e filosofia. O que é a sociologia?*. Rio de Janeiro: DIFEL Editorial, 1979.
- LÖWY, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários: a evolução política de Lukàcs (1909-1929)*. São Paulo: LECH, 1979.
- \_\_\_\_\_. Goldmann e o estruturalismo genético. *Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez, n.21, ago. p. 66-80, 1986).
- \_\_\_\_\_. *A teoria da revolução no jovem Mar*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_; NAÏR, Sami. *Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- PINTO, João Alberto da Costa. Os Gestores na organização do capitalismo brasileiro (1930-1945). *História Revista (UFG)*, v. 11, 2, p. 329-358, 2006.
- \_\_\_\_\_. A trajetória intelectual e os primeiros escritos marxistas de Lucien Goldmann (1927-1952). *Tempos históricos (EDUNIOESTE)*. v. 24 (01), p. 454-488, 2020.